



FABER-CASTELL
since 1761

PROGRAMA ESCOLAR
2016/2017

**INOVAÇÕES QUE
FAZEM SENTIDO
PARA A ESCOLA**

ENTER



www.educacao.faber-castell.com.br

Caro (a) Educador (a)

Estamos atravessando um período que deixa todos nós apreensivos, imaginando o que teremos que enfrentar. A palavra-chave chama-se crise. Foi a que você mais ouviu ano passado e, com certeza, vai ouvir muito ao longo deste ano.

O Brasil está convulsionado por crises de toda ordem: ética, política, econômica, institucional, fiscal etc. E também em todos os campos: da saúde, da economia, da educação, de governabilidade etc. E segue a lista interminável.

Este ano é também de eleições municipais. Aquelas que definem as pessoas que irão governar todos os municípios do Brasil, nos próximos quatro anos. E como consequência, muitas mudanças poderão acontecer.

Mais especificamente no campo da Educação, estamos no período da aprovação da Base Nacional Comum Curricular – BNC, que indica os conhecimentos que constituem a base comum para todas as escolas brasileiras de educação básica. O que significa dizer que após a sua aprovação pelo Conselho Nacional de Educação – CNE, o currículo da sua escola precisará ser revisto.

Com este cenário tão peculiar aqui desenhado, sabemos que teremos muitos desafios pela frente. Mas queremos assinalar que, diante disso, o que parece ser impossibilidade e que, portanto, nos imobiliza, pode se transformar em oportunidade. A História tem demonstrado que são os momentos de grandes convulsões sociais que geram também grandes transformações. Então não é o momento de lamentar o que não temos, mas é a oportunidade de construirmos aquilo que acreditamos. Tudo está em aberto. É hora de avançar na educação escolar que queremos.

É com este objetivo que trazemos até você mais um Caderno Pedagógico do Programa Escolar que a Faber-Castell cria anualmente para todos os educadores do Brasil. E o tema deste ano é: **Inovações que fazem sentido para a escola**. Nossa proposta é discutir qual é o papel da inovação para a educação. Vamos nos permitir refletir sobre o tema, com protagonismo para escolhermos quais caminhos poderemos trilhar para cada realidade.

Na leitura você irá constatar que retomamos alguns temas já tratados em edições anteriores, como também abordaremos temas inéditos. Escolhemos este caminho porque sabemos que para avançar é preciso olhar o retrovisor. Por outro lado, não são apenas as novidades que geram crescimento, mas o fortalecimento de ideias úteis e acessíveis a todos, com as quais poderemos contribuir para mudanças reais nas escolas brasileiras.

Convidamos você a colocar a mão na massa para assumir o lugar de construtor do mundo pelo qual vale a pena lutar. Por você mesmo, pela educação e por todas as crianças e jovens que passam pela escola.

A hora é esta!

Faber-Castell

UM MAPA PARA A LEITURA

Todos os anos escolhemos um tema para o Caderno Pedagógico, do Programa Escolar da Faber-Castell, que é preparado com muito cuidado. Este ano, o tema escolhido é **Inovações que fazem sentido para a escola.**

Nestes quase vinte anos de existência do Programa Escolar já abordamos diversos conteúdos como: a educação artística; a educação ambiental; discutimos o tempo qualificado da escola; criatividade; diversidade; participação e, agora, **inovação**. Todos estes temas estão articulados com o conhecimento que é transmitido e construído no universo escolar.

Inovação tem muitas interpretações e serve para diferentes propósitos. E a leitura deste material tem como função ajudar a entender os assuntos que hoje estão sendo colocados como debate ou como cobranças para os educadores do Brasil.

Para nós, inovação não está limitada à disponibilização ou uso de equipamentos tecnológicos. Inovação é tudo o que transforma para melhorar algo que está sendo feito, e o caminho que escolhemos é pela via da **experiência**, ou seja, pelo combate ao imediatismo, pela defesa daquilo que implica, dá autoria e que afeta quem está na ação. É ter a marca da identidade e da autonomia. Porém, para que a inovação aconteça pela experiência é preciso acolher a **criatividade** como base do pensamento divergente.

A partir desta perspectiva e, acreditando que mudança verdadeira é aquela que construímos, em oposição à receita pronta, organizamos os conteúdos aqui apresentados em blocos para que cada leitor reflita e escolha que caminho quer tomar. São eles:

O QUE AJUDA A ESCOLA A CRIAR OU REPRODUZIR?

Foco: A aprendizagem criativa

Aqui desenvolvemos a ideia de que a criatividade está além das aulas de artes, portanto, deve ser colocada como ferramenta poderosa para entender o presente e projetar o futuro, tomando-a como base na investida para qualquer inovação.

O QUE AJUDA A ESCOLA A SER OU FUGIR?

Foco: O olhar estético para o espaço físico e recursos

Pensar inovação na escola inclui necessariamente os seus tempos e espaços físicos. Vamos entender que o olhar estético está também na arquitetura das construções, na sua organização e nos espaços de aprender.

O QUE AJUDA A ESCOLA A ABRIR OU FECHAR?

Foco: Novos territórios para aprender

No mundo contemporâneo, as fronteiras modificaram-se e o conhecimento e a tecnologia se transformaram na base da globalização. Vamos trabalhar a questão das novas tecnologias na perspectiva de atualização e entendimento sobre seu papel na aprendizagem.

O QUE AJUDA A ESCOLA A CRESCER OU DIMINUIR?

Foco: A construção da cidadania

Em tempos de vida acelerada, é um grande desafio para a escola trabalhar a construção da cidadania como aquilo que nos faz crescer como humanos. Se não sabemos o que somos e o que podemos ser ou fazer, diminuímos nossas possibilidades de atuação.

Com este roteiro queremos marcar que não existe neutralidade. Tudo que fazemos tem sua intencionalidade, mesmo que não saibamos. E é preciso refletir sobre isso. Também queremos mostrar que experiências que hoje nos encantam não começaram ontem, vêm de um longo percurso, com base em muitas teorias do século passado. E isso não as desqualifica, ao contrário, o que somos hoje é resultado do que foi construído ao longo do tempo. Tem história! Por esta razão, apresentamos algumas tendências educativas que são a base das experiências que hoje conhecemos.

Então inovação, experiência e criatividade são os eixos do que construímos este ano para convidar todos a se inspirarem, a pensar acerca dos caminhos que estão sendo tomados em cada escola, para formular sonhos e transformar a realidade da educação no Brasil por meio de percursos possíveis e verdadeiros.

Esperamos que você desfrute deste material que a Faber-Castell preparou com cuidado para todos os educadores que acreditam no muito por fazer, com a certeza de que cada contribuição é fundamental para crescermos juntos – adultos, crianças e jovens. Este é o potencial emancipador da escola do qual não podemos abrir mão.

EDUCAÇÃO E CULTURA

Você deve estar ouvindo ultimamente muitas expressões novas quando se fala de educação. Palavras como *lab*, ensino híbrido, *maker*, aprendizagem ativa, *design thinking*, habilidades para o século XXI, movimento *slow*, e assim cresce a lista. Também já deve estar cansado de ouvir que no Brasil, a escola é do século XIX, os professores são do século XX e os alunos pertencem ao século XXI, o que resulta numa equação impossível de solucionar.

Mas em que tudo isso ajuda no seu trabalho de ensinar seus alunos a aprenderem de verdade? Como dar conta de tantos novos caminhos quando os currículos escolares seguem extensos, o tempo exíguo, os espaços físicos restritos, e os diferentes saberes se mantêm separados em disciplinas sem conexões entre si? Como fazer para que os alunos permaneçam interessados pelos assuntos que estão sendo apresentados nas aulas?

Refletir sobre educação pode abranger várias perspectivas, como por exemplo, pelas tecnologias, pelos métodos, pelas relações de poder etc., porém, todas as perspectivas refletem a ótica do vínculo entre educação e cultura. E aqui não vamos nos prender a definições desses dois termos, nem sintetizar em fórmulas genéricas e concepções díspares elaboradas ao longo da história, mas apenas reconhecer que a educação e a cultura estão imbricadas. Queremos marcar que o caminho da cultura é o caminho aberto para o humano, pois por meio dela é possível interpretar o percurso humano, que passou da hominização para a humanização e, por esta razão, merece nossa atenção, afinal a educação configura-se como uma prática efetivamente cultural.

Levantar esta discussão é fundamental tendo em vista que, no Brasil, a preocupação é maior com os conteúdos que dão acesso às universidades, e que são disparados ainda nos anos iniciais de escolaridade. É isso que define uma educação de qualidade? O valor do conhecimento é apenas aquele que garante acesso à universidade?

Pensar sobre a relação da educação com a cultura significa recuperar a ideia da educação humanizadora, aquela que estabelece uma relação entre pessoas, que permite um posicionamento comum diante do mundo dos valores, que vai além da discussão precária entre a oposição da cultura erudita e cultura popular.

Conhecer os regionalismos e seus elementos imediatos não pode resultar no fechamento das mentes aos valores e conteúdos universais a que os estudantes têm direito de acessar. Tanto a cultura popular, como a erudita, necessita desenvolver nos indivíduos e grupos a consciência da condição humana, ou seja, ter consciência de si e do outro.

O século XX nos mostrou que educação não garante bem-estar. Aquele foi o século de guerras, destruições e holocaustos. Ainda hoje, na segunda década do século XXI, muitas propostas de educação apresentadas em seminários, livros ou eventos em geral, sob o rótulo de inovação ou adequação ao novo milênio, estão mais voltadas à concorrência entre instituições do que à formação do mundo que queremos. Mas educação sem vida cultural, sem se perguntar o porquê da existência humana e grupal, sem discutir nossa capacidade de mudança e de criar novos caminhos colaborativos e criativos, é apenas hominização. Está longe da humanização que a cultura possibilita.





A EDUCAÇÃO PELA LUPA DO TEMPO

Está em qualquer bibliografia especializada e mesmo na mídia, que o modelo educativo da escola que temos hoje tem como marco de referência a escola do século XIX, baseado no modelo industrial, homogêneo, analógico e sequencial. Neste modelo exige-se o aluno passivo e obediente, em que seu valor está na memorização de conteúdos fragmentados.

Mas precisamos chegar ao século XXI! A escola da contemporaneidade exige um novo paradigma para atender à sociedade da informação e do conhecimento, que é plural, global, digital e hipertextual. O modelo que responde a esta demanda é aquele em que o aluno está no centro do processo, aprendendo de forma ativa, potencializando o conhecimento experiencial e integrado. Mas, para isso, é importante reconhecer que a escola também não está parada. Tem buscado muitas alternativas, embora o discurso vigente seja só de críticas a ela.

E o que a gente faz com isso?

A escola precisa ser compatível com o tempo presente, porém não basta concordar com tal constatação. O que foi dito anteriormente é amplamente discutido, mas o que a gente faz com isso? Como reconhecer seus avanços? Como passar de um modelo para outro? Onde arrumar tempo para fazer tais mudanças? E afinal, somos capazes de operá-las?

É quando nos deparamos com tais constatações, sempre acompanhadas de muitas cobranças, que mergulhamos em um sentimento de impotência, acompanhado de muita frustração, principalmente para quem está cotidianamente na escola. Para sair deste estado devemos primeiramente aceitar que não existem soluções prontas, passíveis de serem compradas ou copiadas. A saída está na firme vontade de mudar e na certeza de que temos que lidar com duas atitudes que podem parecer antagônicas, mas são complementares: é preciso ter pressa e ter paciência também.

Pressa pelo caráter de urgência de mudança que a escola necessita. Temos que mudar já! Não podemos esperar a crise passar porque ela não passará. Quem estacionar vai ver o tempo passar, e a consequência será a reprodução de uma escola sem sentido.

Mas precisamos também de paciência, de tempo qualificado. O que for feito como cópia ou apenas reprodução de algo pronto, o tempo se encarregará de mostrar que não se sustenta. É preciso tempo para tomar distância do ritmo cotidiano e para formular um diagnóstico competente. E também uma paciência determinada pelos objetivos, construídos coletivamente, que vão permitir alcançar a escola necessária e com sentido para a sociedade contemporânea. Tempo para formular sonhos e transformá-los em percursos possíveis.

Isso demanda um olhar especializado para diferentes eixos de mudança.

**É FUNDAMENTAL
REFLETIR SOBRE:**

O estímulo à
criatividade
e ao fazer

A capacidade
dos alunos
de aprender

A atuação
competente
do professor

As atribuições
profissionais
da equipe
diretiva

As parcerias com
a família e com
a comunidade

Os espaços
de aprender

As colaborações
de todos os
setores da escola

Tais eixos necessitam de reflexão e diálogos específicos para poder alavancar as mudanças. Assim, geraremos inovações necessárias para cada escola, customizadas às demandas locais. Para isso, precisamos entender o que significa inovar para a educação escolar.



INOVAR NA EDUCAÇÃO

A palavra da vez é inovação. Chega como se fosse um novo descobrimento, uma nova saída ou alternativa da modernidade. Seu conceito é bastante variado nas diferentes esferas organizacionais. De acordo com diversos dicionários da língua portuguesa, inovação significa novidade ou renovação. A palavra é derivada do termo latino *innovatio* que se refere a uma ideia ou invenção.

No mundo empresarial, inovação implica em novas ideias que resultem em aumento do faturamento e/ou de novos mercados. Pode estar ligada ao produto ou ao processo de produção de produto ou de serviço. É fundamental para que as organizações se mantenham competitivas nos seus mercados, gerando riquezas. Por isso elas buscam estratégias que gerem ambiente corporativo propício à inovação.

Na educação, inovação também passou por vários significados. Nos anos 80 estava relacionada às mudanças operadas nas metodologias de ensino. Depois passou a ser focada na gestão da escola. Nos dias atuais, a inovação está diretamente vinculada ao universo tecnológico.

Mas será que só a tecnologia é capaz de oferecer um ambiente inovador na escola?

Não necessariamente. Inovação pode ser vista como aquilo que se opõe ao tradicional. Mas pode também ser entendida como uma mudança de base estrutural. Ou, até mesmo, ser apenas um retoque superficial descontextualizado.

Escolhemos identificar a inovação na educação referindo-se a uma mudança significativa no sistema educacional. Mas para que ela ocorra é preciso estar coerente com as mudanças estruturais da sociedade, e, na escola, é necessário que haja flexibilidade e autonomia na organização curricular e na formação docente de qualidade.

Estar em sintonia com as mudanças sociais é reconhecer que as tecnologias transformaram o mundo. Significa entender este mundo na era digital. Deste cenário não temos como escapar.

O mundo está globalizado, acelerado e incerto. No universo da escola, muitas vezes nos encontramos em um território bipolar. Estamos com o pé no campo das ideias, pesquisando práticas inovadoras, e com o outro pé na realidade escolar, criticada por todos e resistente às mudanças. E não é fácil manter o equilíbrio. Porém, de nada adiantam discursos eloquentes apontando caminhos, sem prática. Então, por onde caminhamos?

O CAMINHO É PELA EXPERIÊNCIA

A palavra experiência traduz aquilo que nos acontece, que nos toca, não o quê se passa, mas o quê nos passa. É importante tratar da experiência em função da vida acelerada que levamos, mergulhados em um universo saturado de informação e opinião, em que se passa muita coisa, mas mantém-se uma pobreza de experiências.

Como aponta o professor espanhol Jorge Larossa (2001), o excesso de informação não deixa espaço para a experiência. Tornamo-nos sujeitos informados, porém sem tempo para termos experiência. Daí a importância de separar informação, de experiência. Do mesmo modo que nos tornamos bem informados, somos sujeitos opinativos. Emitimos opiniões sobre tudo. Mas também opinião não é experiência.

Além do excesso de informação, a falta de tempo também nos rouba a experiência. Tudo tem que ser rápido, e passa depressa. O estímulo é instantâneo e fugaz. O mundo moderno é marcado por uma obsessão pela novidade. Isso nos impede de ter uma conexão significativa com os acontecimentos. Tudo excita, tudo choca, tudo agita, mas nada fica. Tudo passa. A aceleração do tempo provoca a falta de silêncio e de memória.

Se formos pensar em como isso atinge a escola, basta constatar que passamos cada vez mais tempo dentro dela, com currículos cada vez mais extensos, com múltiplas atividades e com resultados cada vez mais sem significado para os alunos e professores.

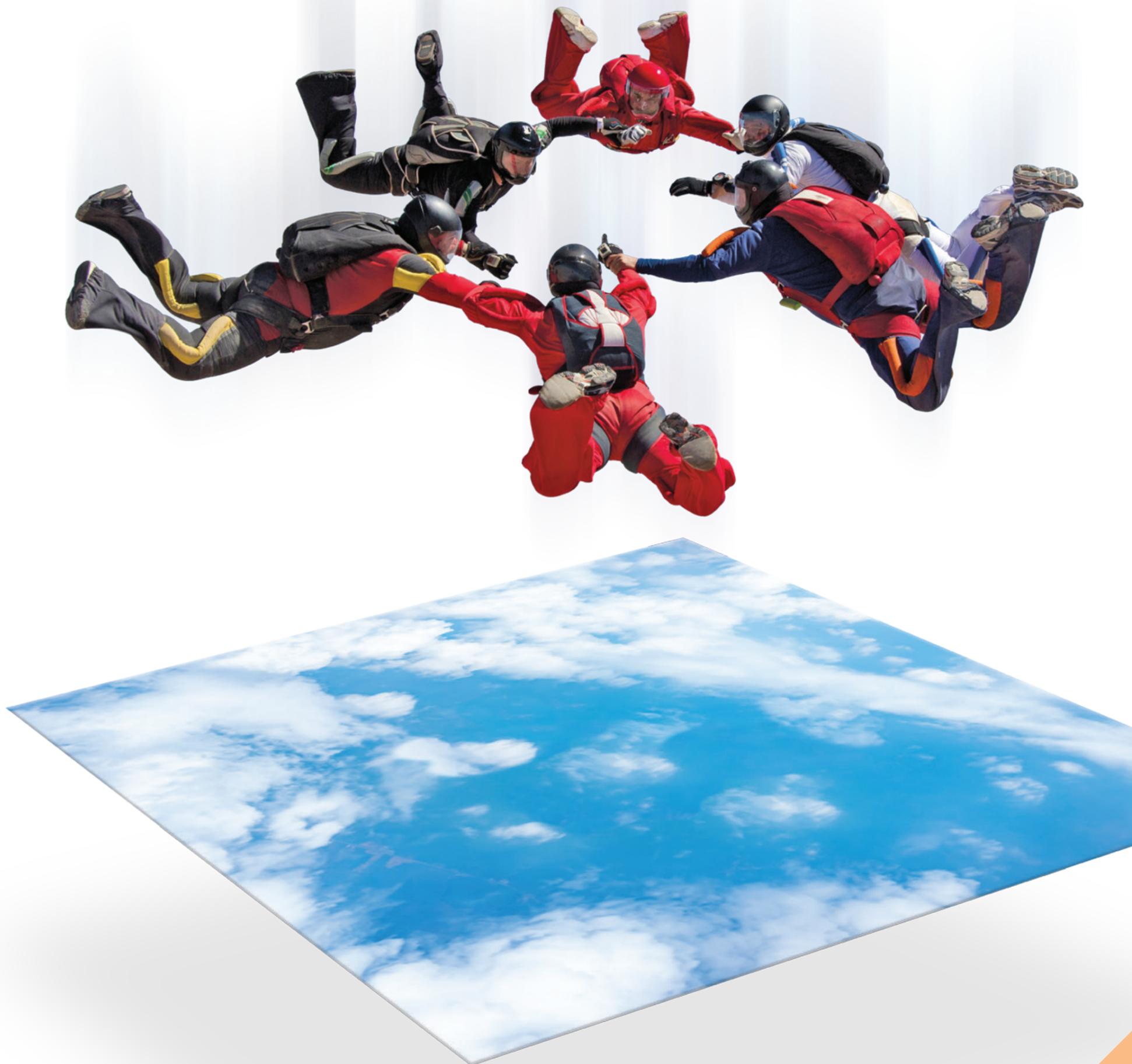
Seja na escola ou em qualquer trabalho, estamos sempre sem tempo. Correndo para dar conta de tudo. Mantemo-nos superinformados, carregados de opiniões, cheios de vontade, hiperativos, sem poder parar. E por não parar, a experiência não acontece.

Como ensina o professor Larossa “a experiência é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção. Requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar. Cultivar a atenção e a delicadeza. Suspende a opinião e o automatismo da ação. Cultivar a arte do encontro”.

A experiência é aquilo que nos acontece, trata-se, portanto, da existência de um indivíduo. Então o saber da experiência é particular, subjetivo. Duas pessoas podem passar pelo mesmo acontecimento, no entanto, as suas experiências podem ser bem diferentes.

Mas também, como alerta Larossa não podemos confundir experiência com experimento. Este é genérico e a experiência é singular. Tem capacidade de transformação e de formação. O experimento produz acordo e homogeneidade. Já a experiência produz diferença e pluralidade. A experiência não antecipa resultado. Já o experimento é previsível.

E na escola? Fazemos dela um campo de experiências ou de experimentos?



EDUCAÇÃO ESCOLAR POSSÍVEL

Quando tratamos do tema educação, é fundamental que nos situemos sobre a instância do que tratamos. Primeiramente é bom reforçar que quando juntamos as palavras educação e escola, estamos tratando apenas de um tipo de educação, a escolar, mas a educação existe em outras instâncias da sociedade. Portanto, só podemos cobrar da escola aquilo que lhe pertence. Não podemos esperar que ela resolva o problema social da educação e nem devemos, como educadores, nos culpabilizar pelos resultados das diversas instâncias de avaliação dos alunos. A escola não pode ser transformada no bode expiatório das mazelas da sociedade. Mas a escola, na sua real dimensão, tem muito por fazer no sentido de possibilitar que todos os alunos aprendam. E todos os educadores têm responsabilidades sobre isso.

Então, temos que entender melhor nosso campo de atuação para não entrarmos em batalhas previamente perdidas, nem abrimos mão daquilo que é nosso papel.

O sistema educativo, ainda hoje, é visto apenas em duas instâncias, sendo uma a macro, que se refere ao sistema centralizado, à política pública, ao ministério e aos departamentos de educação estaduais ou municipais, e a outra instância focada no micro, aquela que trata do professor na sua sala de aula, na sua disciplina, com seus recursos didáticos.

Mas existe um nível intermediário que merece nossa atenção e atuação. Trata-se do espaço para o desenvolvimento de projetos da escola, que são reais, abertos e mutáveis e que exigem a colaboração da comunidade. Eles tratam de temáticas culturais locais, de espaços da vida cotidiana, da realidade de cada escola. É aqui, nesta instância, que devemos criar a escola do século XXI. Requer um processo de customização de cada escola. É no seu coletivo, numa atuação colaborativa e articulada, que conseguiremos fazer algo que tenha a “nossa cara” para que possamos sair da inércia, sem buscar falsas saídas, que são vendidas como panaceias. A solução está naquilo que conseguirmos construir do nosso modo, com flexibilidade e abertura para os desafios que se colocarem.

Mas antes de pensar como trabalhar na escola tais desafios, é importante mapear as alternativas

pedagógicas voltadas para a inovação educativa. Neste sentido, apresentamos aqui alguns modelos, baseados nos estudos do professor espanhol J. Carbonell Sebarrojas (2015). Tais indicações têm por objetivo demonstrar que não existe um único caminho ou alternativa. Porém, para saber escolher o seu caminho, é importante conhecer as opções.

Novos discursos e práticas pedagógicas

Ao pensar em inovar a prática pedagógica, buscando um aperfeiçoamento da educação escolar, nos deparamos com vários modelos de pedagogia que têm seus antecedentes no século XX. São diversas abordagens que inspiram muitos modelos de escola identificados como inovadores. J. Carbonell mapeou-as como:

- Pedagogias não institucionalizadas;
- Pedagogias críticas;
- Pedagogias livres – não diretivas;
- Pedagogias sistêmicas;
- Pedagogias lentas e sustentáveis.

Não temos a intenção de apresentar cada uma delas, frente ao objetivo que temos no Caderno Pedagógico, que é o de ser um recurso para refletir sobre o fazer pedagógico e não uma obra acadêmica. Queremos apenas indicar alguns aspectos selecionados que contribuem para situá-las naquilo que trazem como inovação.

É também uma oportunidade para entendermos que escolas que apresentam propostas inovadoras que tanto nos encantam, seja no Brasil ou no exterior, não são um sucesso em si mesmas, assim como não são mercadorias que possa ser comprada ou um modelo a ser copiado. Essas escolas construíram um percurso pedagógico, resultado de muitos estudos teóricos e pesquisas sobre múltiplas experiências existentes. O que construíram serve como estímulo para que cada educador viva um processo de autoria, tendo por base não o consumo de novidades, mas uma demanda verdadeira. São valiosas pistas que nos ajudam a entender melhor a educação para pensarmos sobre a escola que queremos construir ou aperfeiçoar.



Pedagogias não institucionalizadas

Começamos destacando a importância de reconhecer que é possível aprender para além da escola, já que a maior parte do conhecimento produzido pela humanidade está fora dela. Este olhar abrange as ideias que John Dewey sustentava como espaços não formais da educação: a família e a comunidade - identificados por ele como vitais e mais profundos que a educação escolar.

Somando-se a isso, o enfoque de Ivan Illich apontava para a inutilidade da existência da escola na sociedade. Ele defendia uma sociedade sem escolas. Nesta sociedade desescolarizada, o conhecimento formal poderia ser buscado em lugares específicos, ligados à vida coletiva, como a biblioteca, museus, fábricas, laboratórios etc. Seria uma cidade aberta para aprender, sem a necessidade de se ter escolas.

Muitas experiências originaram-se da abordagem da desescolarização, em que a família opta por ensinar seus filhos em casa, em função das críticas que faz ao sistema educativo, por sua forma homogênea de ensinar um currículo pré-estabelecido e imutável.

De acordo com a Constituição Federal Brasileira é obrigatório crianças e jovens frequentarem a escola. Porém, muitos pais no Brasil que praticam o *homeschooling* estão travando uma luta jurídica na busca de reconhecimento legal por tal opção. Mas no exterior isso é possível e existem muitas experiências de sucesso tanto na Europa, como nos EUA e Canadá.

Também existem experiências que defendem o binômio criança e natureza, em que as crianças ficam permanentemente em contato com a natureza, nas escolas que se localizam nas florestas, bosques etc., em construções físicas ou abertas, sem prédio, gerando diversos modelos pedagógicos pelo mundo como a *École plein air*, na França; *Open air schools* e as *Forest Schools*, na Inglaterra e *Escuelas al aire libre*, em Barcelona.

Aprender para além da escola pode significar também entender a cidade como o currículo. A inovação está em estabelecer um diálogo entre a escola e seu entorno, reconhecendo que o conhecimento acontece dentro e fora da escola, tornando assim a cidade um livro didático aberto, vivo, em que a experiência é o eixo da aprendizagem e onde se condensam seu passado e o presente, por meio das transformações ocorridas nos espaços públicos.

Neste sentido temos como experiência o Movimento das Cidades Educadoras, que apresentamos no Caderno Pedagógico da Faber-Castell do ano passado, disponível no site da empresa. Tais experiências

demonstram o quanto é importante a escola considerar a cidade como um espaço de aprendizagem em condições de igualdade. São experiências diferentes que se complementam e se enriquecem mutuamente.

Além da abordagem da ampliação do conhecimento para além da escola, Mc Luhan havia prognosticado, na metade do século passado, que as tecnologias da informação e da comunicação promoveriam um enorme impacto em todas as instâncias da sociedade. Hoje, a quantidade de informação que está disponível em diversos meios como a internet, revistas, TV, cinema etc., excede ao que é ensinado na escola. Por isso, reforçando esta pedagogia que valoriza o aprender para além da escola, temos outro entorno que favorece as múltiplas conexões – é o entorno digital que não só facilita a conectividade entre as pessoas, mas também entre distintos artefatos culturais. O universo digital permite fundir vários conhecimentos com o objetivo de produzir novos produtos e/ou serviços criativos.

O *conectivismo* é uma teoria de aprendizagem que considera as ferramentas que utilizamos na *web* como definidoras e modeladoras do nosso pensamento. Gera a gestão de conhecimento nos entornos mais dinâmicos. Na prática, o *conectivismo* exige conhecimento e conversação abundante para uma escola que nunca dorme, com uma rede de informações aberta 24 horas por dia. Exige, também, uma participação social ativa e aprendizagem autônoma a ser compartilhada para gerar debates e socializar resultados.

Desta forma a internet dilui as fronteiras entre o ensino e a aprendizagem, pois todos somos *ensinantes* e *aprendizes*. Por esta trilha cresceram diversas experiências educativas, com seus recursos teóricos para defender a escola em casa, ou a escola aberta para a cidade e, ainda, na sociedade-rede. Todas possuem o foco na relação da escola com a vida, estão conectadas com experiências em rede e com uma diversidade de currículos, alternativos aos currículos oficiais.

Sejam escolas em que o currículo é a cidade, ou as que têm a natureza como base e, mais ainda, as escolas que focam em múltiplas plataformas colaborativas a partir da internet, todas reconhecem que, no mundo interconectado, as fontes de informação não podem ficar restritas à escola e nem o conhecimento está mais hierarquizado. O mundo contemporâneo oferece uma gama diversificada de leitura e escrita que favorece a formação de novos modelos pedagógicos.



Pedagogias críticas

Outra abordagem está ligada às pedagogias críticas, que têm como referência maior a contribuição do educador brasileiro Paulo Freire. Partem da crítica à crescente mercantilização do saber, que apresenta um currículo cada vez mais regulado e tecnocratizado, além de descontextualizado e atemporal, para defender a conexão com a experiência local. Defendem a diversidade no currículo escolar para se contrapor à ideia de pensamento único. Entendem que cabe à escola oferecer espaços em que os estudantes possam criar seus próprios marcos de significação do conhecimento.

É a conexão com a experiência local que projeta um novo mundo mais esperançoso, com a aposta firme na atuação ativa do sujeito e na sua relação com o conhecimento, e também entre o conhecimento e a emotividade e entre a ética e a estética, para contrapor-se a diversas dimensões vazias do ser humano.

Pedagogias livres – não diretivas

Nas pedagogias não diretivas a referência é Summerhill, escola internato fundada em 1921, em Leiston, Inglaterra, pelo educador Alexander Sutherland Neill. Identificada como “escola democrática”, surge como crítica ao que estava estabelecido na escola da época - a rigidez e o autoritarismo que dominavam as propostas curriculares. Em Summerhill, o aluno goza

de total liberdade para assistir ou não às aulas. A cada trimestre os alunos negociam com os professores os horários e as disciplinas que querem cursar. Depois elaboram seu próprio plano de estudos e cada um avança segundo seus interesses e possibilidades.

A escola tem agrupamentos interníveis e flexíveis, mesclando os grupos de alunos de diferentes idades e níveis. A realização de assembleias sistemáticas é o marco básico para obtenção de consensos e mediação de conflitos. Não existe qualificação dos resultados, nem prêmios ou castigos.

O espaço físico não tem salas fixas por turma, mas ambientes diferenciados voltados para aprendizagem, nos quais os alunos circulam de acordo com os seus planos individuais. Materiais estão sempre à disposição para a livre exploração e manipulação pelos alunos. A participação das famílias é um elemento importante para a educação e para o cuidadoso processo de acompanhamento pedagógico.

Neill foi um visionário. Foi pioneiro da não diretividade. Tornou-se ícone das pedagogias alternativas ao concretizar um sistema educativo em que o importante é a criança ter liberdade para escolher e decidir o que aprender e, com base nisso, desenvolver-se no próprio ritmo. É a fonte inspiradora de muitas experiências contemporâneas de escolas, tanto no Brasil como no exterior.

Pedagogias lentas e sustentáveis

E para encerrar as abordagens que influenciam as escolhas contemporâneas de educação escolar, as chamadas pedagogias lentas surgem como uma resposta ao tempo acelerado e fragmentado da nossa vida, que gera uma sociedade competitiva, hiperconsumista e desumanizada.

Essas pedagogias são entendidas como uma contraposição à escola de modelo empresarial que impõe aos alunos ritmos cada vez mais acelerados, com excesso de conteúdos, gerando uma sobrecarga à infância que perde seu tempo de brincar para apenas produzir e consumir. Há um excesso de tudo, com estímulos para se chegar o quanto antes sem saber claramente onde.

As escolas lentas ou *slow* derivam do movimento *slow* que surgiu do *slow food*, na década de 1980, pelas mãos de Carlo Petrini, na Itália. Estas escolas discutem o tempo sequestrado *versus* o tempo qualificado para aprender. Defendem conceitos como: pausa, menos é mais, serenidade, sustentabilidade, meditação, cotidianidade, criatividade e reflexão. Discutem o valor do ser *versus* o ter.

A lentidão é oferecida como base para a aprendizagem e conseqüentemente para modificar o pensamento hegemônico. As primeiras *Slow School* (escolarização lenta), tiveram seu início a partir de 2002, nos EUA e em alguns países da Europa. Hoje estão em todos os continentes.

A defesa pela educação lenta, feita por Joan Domènech (2009), aponta para alguns princípios:

- A educação é uma atividade lenta;
- As atividades é que definem o tempo necessário para serem desenvolvidas e não o contrário;
- Cada um precisa de um tempo específico para aprender, e que deve ser respeitado;
- A escola tem que educar o tempo;
- Para melhor aproveitar o tempo é necessário priorizar;
- O processo educativo defende a sustentabilidade;
- A educação é um processo qualitativo;
- O processo de aprender é mais importante que seus resultados;
- Prioriza os verbos: observar, experimentar, intercambiar;
- Aprender necessita de tempo e serenidade;
- Combate as estruturas burocráticas de administração das escolas;
- Questiona a lógica organizativa da escola: aulas de 55 minutos, alunos em filas para circular no espaço escolar, o jeito acelerado de se alimentar etc.

O que os caminhos indicam

Os caminhos aqui apontados, como defende Jaume Carbonell, são capazes de transformar sonhos em realidade, construindo uma educação inovadora, socialmente equitativa, culturalmente poderosa e totalmente livre.

Após apresentarmos em linhas gerais as principais tendências inovadoras da educação contemporânea, podemos afirmar que tais pedagogias nos remetem à constatação de que, independente do caminho que queremos seguir, é preciso refletir em questões específicas como:

- O tempo para pensar, criar, fazer e compartilhar na escola;
- Os costumes, normas e rituais escolares vistos como base da organização;
- O papel do professor frente aos desafios contemporâneos;
- A expansão do conhecimento aberto: estratégias colaborativas para aprender por meio das tecnologias;
- A experiência contextualizada culturalmente: a cidade como currículo;
- As mudanças na forma de aprender: foco no processo e não nos resultados; e na experiência, onde o erro é fundamental.

Diante dos aspectos até aqui levantados, pensar em inovação com sentido para a escola significa se posicionar diante dessas quatro indagações:

- O que ajuda a escola a criar ou reproduzir?
- O que ajuda a escola a ser ou fugir?
- O que ajuda a escola a abrir ou fechar?
- O que ajuda a escola a crescer ou diminuir?

O sentido questionador tem como intenção fomentar a reflexão a respeito dos possíveis caminhos que escolhermos para a escola, com ou sem consciência. Mas sempre são escolhas. Para que sejam verdadeiras, exigem reflexão e posicionamento.



O QUE AJUDA A ESCOLA A CRIAR OU REPRODUZIR?

A escola pode ser um lugar de ousar, voar, se soltar e imaginar ou ser um espaço de aprisionamento e reprodução de conhecimentos estáticos e ultrapassados. É a partir do que acreditamos que fazemos o desenho da escola que queremos. Então precisamos pensar o que ajuda a escola a ser criativa para não envelhecer. A escola do século XXI é fluida, plena de conhecimentos provisórios e aberta para novos conhecimentos. O caminho? A criatividade!

Cada vez mais o mundo precisa de trabalhadores mentais, que sejam capazes de resolver problemas, buscar saídas a questões que afetam a coletividade. É preciso abertura para imaginar e criar. Precisamos de criatividade para viver.

A criatividade se manifesta em todos os setores da vida: social, político, estético, científico, econômico.

Por esta razão são múltiplas as definições do que vem a ser criatividade. Cada versão tem o seu conceito, condizente com as suas ideologias e seus propósitos. Não vamos aqui aprofundar esta discussão, tendo em vista que já elaboramos um Caderno Pedagógico do Programa Escolar da Faber-Castell, específico sobre criatividade, com o tema “Tempo de aprender com criatividade” (2013), disponível no site: www.educacao.faber-castell.com.br

Aqui vale a pena reforçar que existem diversos estudos e pesquisas voltados para a ação criativa, em que é compreendida não apenas como um fenômeno individual, mas como um processo sistêmico, no qual o indivíduo não é um ser isolado, mas recebe influências do ambiente sociocultural, além de estar inserido em um determinado momento histórico.

Nas novas tendências de estudo sobre criatividade é consenso que o ambiente influencia o processo criativo. A escola tem um papel fundamental na formação de sujeitos criativos. E considerando a criatividade como a capacidade de enxergar algo de forma inteiramente nova, não se limita a determinados assuntos ou especialidades como, por exemplo, às aulas de artes.

Mas como a escola consegue lidar com aquele aluno criativo que traz problemas ou faz questionamentos “fora da caixinha”? E como fazer com que os professores enxerguem o potencial criativo das suas disciplinas? Como focar em criatividade, tendo uma lista de conteúdos intermináveis a serem ensinados?

Para começar, é preciso conectar a escola com a vida. Diariamente o mundo está sendo transformado

por inovações de toda ordem e neste cenário não dá para conceber o ensino baseado na memorização ou reprodução de fórmulas em busca da resposta certa.

O maior desafio que se coloca para a escola é começar reconhecendo que a criatividade não se limita a uma área e que pode ser exercida por todos que estão envolvidos com a escola. Para isso não há fórmulas mágicas, e de novo reiteramos o que estamos defendendo ao longo deste material: o trabalho é artesanal e autoral.

Sob esta perspectiva, a escola tem desenvolvido estratégias ou metodologias que se modificaram ao longo da história para cultivar a criatividade. Hoje, é fundamental construir algumas estratégias para criar um ambiente criativo.

Quanto às atitudes do professor

Do ponto de vista da atitude do professor é importante:

- Colocar-se no lugar de aprendiz, ou seja, ter a tranquilidade de aceitar que é possível aprender sempre e, inclusive, com seus alunos;
- Estar atento ao ritmo de cada um. Ter sensibilidade para respeitar tempos diferenciados que os alunos necessitam para desenvolver ideias;
- Estimular os alunos a desenvolverem o pensamento divergente e trabalhar com pontos de vista diferentes;
- Considerar o erro uma etapa importante do processo de aprendizagem;
- Oportunizar situações em que os alunos possam escolher seus próprios percursos para aprender;
- Ajudar os alunos a desenvolverem autoconceito positivo de si mesmos;
- Cultivar o senso de humor e valorizar o lúdico na sala de aula;
- Criar um clima de confiança e parceria entre todos da turma;
- Valorizar a experiência como o caminho da aprendizagem;
- Demonstrar entusiasmo pelo exercício da profissão docente.

Quanto às estratégias de ensino

As estratégias de ensino também são fundamentais para o desenvolvimento da criatividade, tais como:

- Menos aulas expositivas e mais situações diversificadas para acessar os conhecimentos curriculares;
- Variar nas tarefas propostas para os alunos;
- Propor estudos para além da sala de aula e do prédio do colégio;
- Criar situações de trabalho em grupo para diferentes tarefas;
- Utilizar diferentes recursos ou ferramentas que ajudem a aprender;
- Relacionar os conteúdos curriculares com questões da vida;
- Promover indagações sobre problemas reais;
- Ter como ponto de partida a experiência de cada um, para o desenvolvimento de atividades;
- Criar espaços diversificados e públicos para divulgação da produção dos alunos;
- Orientar os alunos a buscar informações adicionais sobre tópicos de seu interesse;
- Ensinar aos alunos a estudar, antes de cobrar uma postura de estudante;

- Ensinar para além do livro didático, buscando diferentes plataformas de informação;
- Estabelecer contato direto com especialistas que produzem conhecimento das diversas áreas para que os alunos convivam com a produção especializada tanto no campo da ciência como da arte, para além das disciplinas;
- Criar um ambiente físico interessante e amigável na sala de aula, diversificando o mobiliário, assim como sua localização, tornando a sala de aula mutante;
- Mapear e relacionar os percursos de aprendizagem que a turma está vivendo para dar sentido aos conteúdos estudados;
- Promover atividades que gerem o equilíbrio entre buscas rápidas com as tecnologias digitais de informação e comunicação - TDICs, equilibrando espaços de pausa e lentidão para saber que há informações rápidas, mas há leituras que exigem tempo e reflexão.

É importante assinalar ainda que não basta uma sala de aula e um professor criativo para desenvolver a criatividade nos seus alunos. É preciso que o ambiente escolar seja receptivo a novas ideias. Se isso for difícil lembre-se que, para mudar, basta começar. A contaminação, mesmo que lenta, mas com determinação, leva à transformação.

O ambiente escolar que objetiva favorecer o desenvolvimento do potencial criativo dos alunos e professores tem como eixo central o processo de aprendizagem, que se concretiza por meio da interação de três elementos: o estudante, o professor e o conhecimento, representado no currículo escolar, que precisa estar contextualizado e ter sentido para a população a que se destina.

Criatividade e Inovação

Queremos agora marcar a relação da criatividade com a inovação. A criatividade é uma dimensão da condição humana. É a capacidade de produzir ideias. Todos os seres humanos têm capacidade criativa que deve ser desenvolvida, pois aí reside a evolução da humanidade. A criatividade desenvolve-se individualmente em um contexto social e histórico. Segundo Gardner (1996) cada indivíduo apresenta o seu perfil criativo distinto, por isso a dificuldade de definição única do termo.

A criatividade nasce individual e de forma sistêmica, a inovação advém de um processo coletivo. Então, podemos afirmar que não há inovação sem criatividade, ou seja, toda ideia resulta de um processo criativo.



O QUE AJUDA A ESCOLA A SER OU FUGIR?

Conhecer uma escola significa olhá-la de diferentes “miradas”. Vamos aqui tratar de sua identidade e de como ela se manifesta, seja pelo seu projeto pedagógico, pelos seus documentos normativos, ou pela sua dinâmica cotidiana. Enfim, são múltiplas as abordagens que informam a identidade de uma escola. Isso pode parecer corriqueiro, mas é importante refletirmos sobre como construímos a identidade de cada escola e como a tornamos visível. Porque se não temos identidade, não há mudança. A escola vira terra de ninguém.

A escola precisa ser! Ser o que ela acredita e faz, tornando isso visível e público para todos, lembrando que nunca é neutra. Uma escola sem identidade não é lugar agradável de ficar e acaba se tornando apenas lugar de passar ou fugir. Aprender em um espaço específico chamado escola requer a construção de uma identidade. Aprender é cognição, mas é também estética. É abstração, mas é também experiência.

Os espaços falam

Na casa onde moramos, no espaço que habitamos, temos marcas que nos identificam. De um modo geral, nos sentimos vinculados a ele, porque deixamos marcas de pertencimento. Mas isso não poderia ocorrer também na escola? Ao invés de ser apenas

um espaço para receber alunos, poderia ser um lugar de construção de identidades.

Estudos em neurociência e ciências sociais indicam que a nossa identidade se desenvolve a partir de nossas experiências no ambiente. Desenvolvemos nossas habilidades cognitivas por meio da interação com o ambiente.

Inovação na educação não se faz apenas com propostas pedagógicas ou com tecnologias. Faz-se nos espaços físicos de aprender. A arquitetura, a pedagogia e a estética como princípio conector, tem sido campo de estudos por todo o mundo, sendo a principal inspiração as escolas de Reggio Emilia, na Itália.

As referências estéticas são construídas socialmente. O olhar estético aguça a imaginação, evidenciando a capacidade humana de fazer associações e relações, permitindo que os seres humanos compartilhem experiências e ideias. Exercitem a curiosidade e a criatividade, gerem sentimentos de pertencimento e afirmação cultural, dimensões que são importantes para a vida em sociedade.

A organização dos espaços, as estruturas físicas, os materiais utilizados tornam a vida na escola significativa. E isso nada tem a ver com as condições

financeiras da escola. Não estamos falando de riqueza, mas de identidade e de aprendizagem. Não importa o tamanho da escola e nem suas condições. O foco está nas possibilidades reais e em saber valorizar o que há de especial.

Os espaços físicos da escola ensinam muito mais do que imaginamos. Como são os espaços de nossas escolas: imutáveis? Intocáveis? Ou são espaços multifuncionais? Os alunos participam na organização desses espaços ou apenas consomem o que foi planejado para eles? Defendemos que precisam ser parte integral da aprendizagem que ajuda a definir sua identidade, por isso não podem ser cenários passivos para atividades. Precisam ser participativos, despoluídos visualmente e flexíveis, para contribuir para o trabalho em grupo.

Os espaços físicos da escola são portadores de conteúdos educacionais. Podem favorecer a qualidade da interação e da aprendizagem. Por isso, apropriar-se desse importante lugar de aprender significa olhar esteticamente para ele. Pensar nas suas divisões espaciais, na iluminação, ventilação, nas paredes, nos equipamentos, nos objetos, suas áreas externas e internas.

A escola é um lugar de aprender e de comunicar. Ao entrar em qualquer escola, se fizermos uma rápida observação dos seus espaços físicos, somos capazes de identificar como uma determinada escola trata o conhecimento ali produzido. E não é só isso. Dá para perceber o espaço que é dado aos alunos para que

eles tenham voz, ou seja, como eles mostram aquilo que aprenderam.

Uma escola criativa se preocupa com a qualidade de troca que os espaços oferecem. Em Reggio Emilia, cada criança é vista como uma unidade orgânica que necessita de espaço pessoal para agir e se movimentar de seu próprio modo, com autonomia. Em suas escolas, o movimento e o espaço são fundamentais. É viver o espaço a partir da experiência de cada um, que é cognitiva, mas também física e estética. Portanto um espaço relacional.

O design arquitetônico do prédio precisa ser visto com cuidado. Pela internet é possível conhecer experiências diversas em várias partes do mundo que estão inovando no binômio pedagogia - arquitetura. As que são consideradas as mais inovadoras possuem espaços que garantem o bem-estar a todos. O olhar estético é suave e amigável, tornando sua circulação serena, garantindo um ambiente de empatia, em que a escuta é entendida como uma forma de respeitar os alunos.

Mas a identidade da escola se faz para além do seu prédio. Está também no círculo de vizinhança que estabelece com o seu entorno. Muitas vezes a escola está conectada virtualmente com experiências do outro lado do mundo e nada sabe sobre a comunidade em que está situada. As conexões sociais são fundamentais. Elas acontecem dentro e fora da escola. Por isso é importante cultivar a relação enriquecedora com a comunidade – pessoas e espaços públicos.

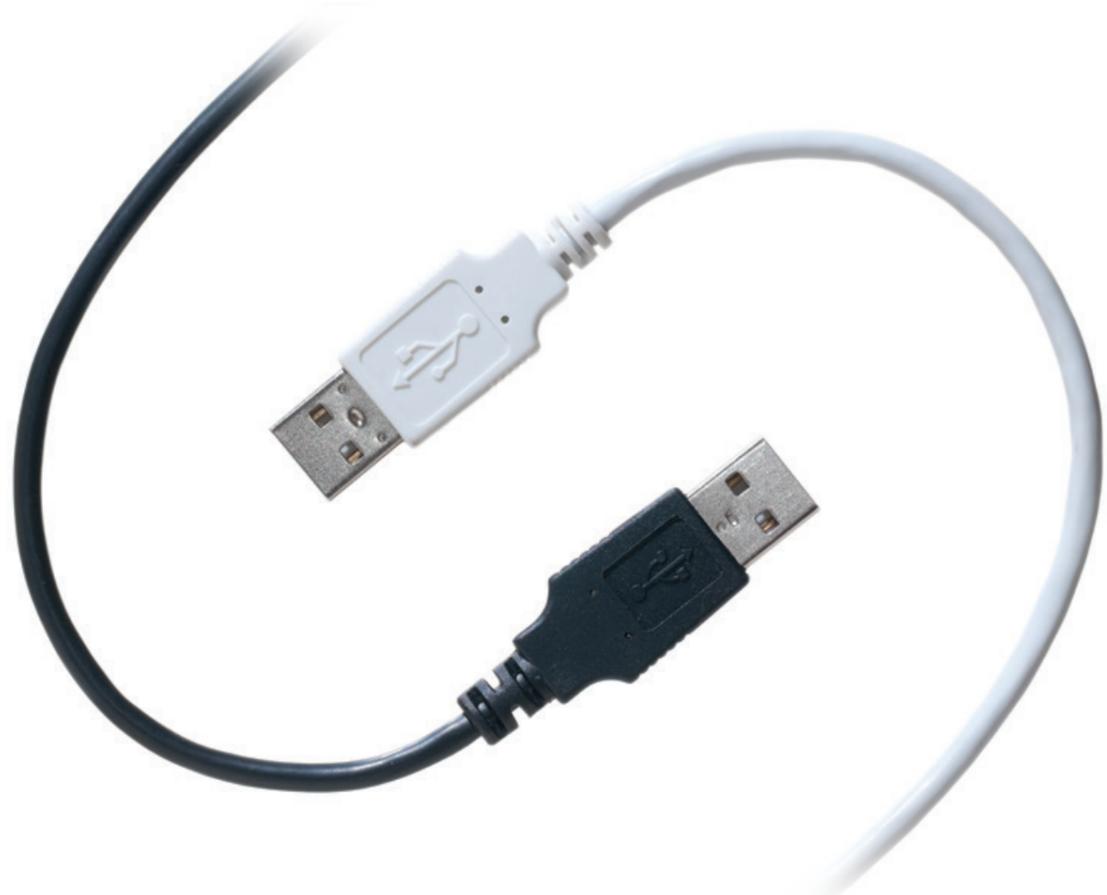
Um desafio para ser experimentado. Que tal quando o ano letivo começar, reunir a equipe pedagógica, alunos e pais para desenhar a organização espacial da escola para o ano que se inicia? Inventar lugares diferentes de aprender, aproveitando ao máximo o que se tem. Todos poderiam opinar, desenvolver ideias e projetos. Seria uma proposta participativa de ocupação. E também olhar para fora, propondo atividades no bairro para interagir com os vizinhos, que também fazem parte da identidade cultural da escola.

Inovação e criatividade são elementos essenciais para o entendimento da escola como uma comunidade de aprendizagem aberta. Isso se refere tanto à organização do currículo, quanto à constituição física da escola. Ambos são formadores da identidade escolar.

Então podemos afirmar que os princípios educativos que definem o espaço escolar consideram:

- IDENTIDADE
- AUTONOMIA
- DIVERSIDADE
- FLEXIBILIDADE
- ESTÉTICA
- EQUILÍBRIO
- CRIATIVIDADE





O QUE AJUDA A ESCOLA A ABRIR OU FECHAR?

Ninguém duvida de que as informações e as tecnologias melhoraram e muito nossas vidas. Mas isso não significa que entramos na era do conhecimento, considerando a perspectiva da ampliação da percepção de nós mesmos, visando a realização responsável de todos os seres humanos. São tempos de muita informação, mas estamos longe da era da cultura, vista ainda como produto de consumo. Para muitos estudiosos, este tempo de excesso de informação gera muito desconhecimento. Gera também confusão e dificulta a compreensão do mundo.

Neste mundo contemporâneo, também identificado como a era da informação, podemos dizer que a primazia está no valor da informação e seu gerenciamento, em detrimento do valor do trabalho e do esforço físico.

E nesta densa e mutante era digital temos que aprender a viver e a agir. Como tornar possível enfrentar com certa autonomia o vendaval de possibilidades deste mundo

acelerado e globalizado ainda é uma incógnita. E como isso afeta a escola?

O tema relativo ao que faz os alunos aprenderem mais e melhor tem sido objeto de muitas pesquisas. Estes resultados estão começando a chegar à escola. Trazer os conhecimentos científicos sobre aprendizagem para a escola colabora para que ela se abra para novos desafios, reconhecendo que são diversos os territórios para aprender. Assim como o não reconhecimento faz com que a escola se feche para o seu tempo, não respondendo às demandas reais e, assim, ficando obsoleta na sua função.

Mas ainda é longo o percurso para fazer, de fato, a educação escolar mudar. Não se muda a cultura escolar por decreto nem por fetiche. O que ajuda a mudança é a experiência e o tempo. Aprender, hoje, acontece na escola e para além dela, por meio de novos territórios, tanto virtuais quanto sociais.

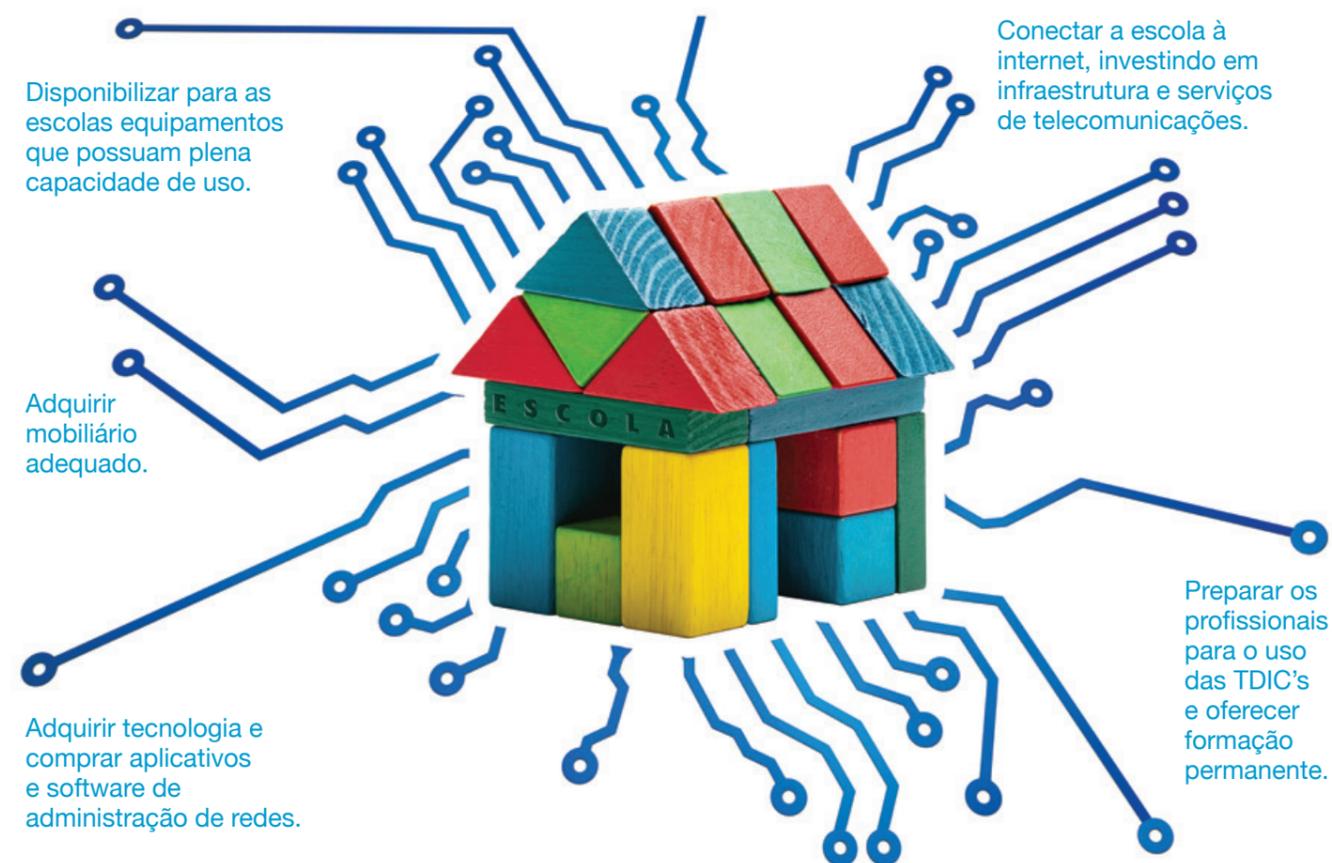
Na sala de aula, o que hoje ajuda a aprender?

As tecnologias por si só não garantem a inovação na educação. Elas contribuirão muito para a mudança na forma de aprender e de acessar a informação, mas como um meio e não como um fim. Elas são ferramentas e o seu uso poderá ser positivo ou negativo, de acordo com a criatividade empreendida.

Por outro lado, com o avanço científico da neurociência foi possível colocar em xeque vários princípios consagrados na escola tradicional, como a hegemonia da aula expositiva, a divisão do currículo em disciplinas, o papel do professor como retransmissor de informações, o modelo de avaliação, o espaço da sala de aula, entre muitos outros.

Já compreendemos como ocorre a aprendizagem e podemos aplicar na escola metodologias adequadas, usando as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC's) como meio. Para isso, são muitas as mídias digitais disponíveis para o desenvolvimento dessas metodologias ativas como: *tablets*; *notebooks*, *desktops*; *smartphones*, bibliotecas virtuais; recursos educacionais abertos (REA); sistemas de gestão da aprendizagem (*learning management systems*); plataformas colaborativas e plataformas adaptativas, entre outras. São ferramentas para se atingir determinados objetivos no contexto de uma metodologia bem definida.

A tendência é que as escolas utilizem cada vez mais a tecnologia para personalizar o ensino. Porém, não apenas para replicar os conteúdos já conhecidos, mas também para aprender por diferentes meios e, nesta perspectiva, a tecnologia oferece muitas possibilidades. No entanto, para que a escola possa incorporar as TDIC's, depende de alguns fatores como:



Podemos afirmar que o quadro atual oferece um ecossistema de metodologias disponibilizado para a educação. A variedade se justifica em função da sua complexidade. São também tendências inovadoras alinhadas às demandas da contemporaneidade. Vamos apresentar algumas delas, aquelas que a todo instante estão nas mídias ou sendo citadas por palestrantes, e que têm como base a experiência, sem a pretensão de cobrir todas as opções hoje existentes.

Mas, antes, vamos utilizar dois conceitos apresentados por Silvio Meira, um dos mais influentes especialistas em tecnologia da informação, que trabalha no Porto Digital de Recife, apresentados em recente palestra em São Paulo. Ele afirmou que a educação no Brasil deveria deixar de ser *just in case* para se tornar *just in time*. Para ele, o método tradicional de ensino, aquele em que o professor transmite a maior quantidade de informações para o aluno, na expectativa de que possa ser útil um dia, é o *just in case*. No modelo do *just in time* o conhecimento é estudado ou produzido apenas no momento em que se torna necessária sua aplicabilidade. É este modelo que é utilizado nas metodologias ativas, que têm o foco na solução de problemas reais. É desta perspectiva que tratamos algumas delas.

Ensino Híbrido

Inspirado no *blended learning*, o termo “ensino híbrido” pode ser usado para definir uma maneira de dar aulas que varia as estratégias didáticas, de forma a oferecer diferentes oportunidades de aprendizagem. É uma possibilidade de transformar o modelo “fábrica” das escolas em modelos centrados no aluno. Ele costuma envolver o uso da tecnologia em algum momento que possibilite a personalização do ensino. É a mistura do *online* e *off-line*, mas também do individual e grupal, da pesquisa e do compartilhamento, juntando atividades em sala de aula e fora da escola.

O primeiro passo é a identificação de um problema a resolver ou um objetivo a ser atingido. Depois, formar equipes para conduzir a iniciativa e elaborar um planejamento do trabalho e estudos. O passo seguinte é o uso das tecnologias e dispositivos com objetivo de organizar o sistema virtual e físico para a realização das experiências desejadas.

O ensino híbrido coloca o professor em outro patamar de interação. Deixa de ser um reproduzidor de conteúdos para se tornar um gestor da aprendizagem, contextualizador do conhecimento e curador de conteúdos. Seu tempo em sala de aula fica mais rico e efetivo.

Para desenvolver o ensino híbrido não é necessário um computador ou tablet por aluno. É possível trabalhar dividindo grupos e, enquanto uns estão trabalhando em grupo utilizando os computadores, os outros podem fazer atividades diferentes.



Movimento Maker

O movimento *Maker* é uma extensão da cultura do “faça você mesmo”, em inglês *Do-it-Yourself*, ou seja, “aprender com a mão na massa”. A base da ideia é a de que pessoas comuns podem construir, consertar, modificar e fabricar os mais diversos tipos de objetos e projetos com suas próprias mãos.

Hoje existe um grande interesse por introduzir a cultura *Maker* para desenvolver experiências na linha do “aprender fazendo”. No Brasil, diversas escolas já introduziram o espaço *Maker* como um ambiente de aprendizagem, criando oportunidade de dar sentido ao que estão aprendendo, buscando soluções que gerem aprendizado relacionado com a vida.

Mas a cultura *Maker* não é nova. A ideia de “aprender fazendo” já foi defendida por John Dewey desde a primeira metade do século XX, seguida por Seymour Paper, assim como Paulo Freire (a partir de 1960). No mundo empresarial esta cultura já existia há décadas e foi responsável pela criação e evolução de indústrias inteiras, como foi o caso da indústria de computadores pessoais. O novo consiste no uso acessível das tecnologias que, com o barateamento dos custos, permitiu o alcance às ferramentas com mais facilidade que antes, quando eram muito caras e complexas.

Enquanto movimento, o *Maker* teve início em 2005, quando Dale Dougherty cunhou o termo e lançou a revista *Maker* e, em seguida, produziu a primeira *Make Fair* em São Francisco, EUA. Hoje, centenas de experiências estão sendo desenvolvidas por empresa que abraçaram a filosofia *Maker* como forma de trabalhar, o que tem gerado transformações na forma de produzir e de socializar resultados.

A Universidade Stanford, nos Estados Unidos, tem sido importante referência no assunto, desenvolvendo diversas pesquisas sobre o tema. Uma das iniciativas é o *Fablab@School*, desenvolvido pelo brasileiro Paulo Blikstein, professor da Faculdade de Educação de Stanford. O pesquisador tem implantado *fablabs* em escolas do mundo todo.

Os espaços *Maker* criados nas escolas, ou como espaços públicos abertos à comunidade, são preparados para desenvolver a criatividade e o empreendedorismo. Em linhas gerais, são equipados com impressora 3D, cortadora a laser e instrumentos

de robótica. Muitos especialistas defendem que os espaços *Maker* nas escolas poderiam se tornar espaços permanentes, mesmo sem acesso à impressora 3D. Os alunos precisam apenas de espaço para experimentação, aprendizagem prática e uma atitude lúdica em relação às suas descobertas.

Design Thinking

Design Thinking é o conjunto de métodos e processos para abordar problemas relacionados à aquisição de informações, análise de conhecimento e propostas de soluções.

É um novo jeito de pensar um problema. É uma abordagem para a solução criativa de problemas, utilizando os métodos e as habilidades desenvolvidas pelos *designers* ao longo de décadas e que podem ajudar a resolver problemas de toda ordem de forma mais desafiadora, centrada nas pessoas.

Pode ser adotado por indivíduos ou aplicado no mundo dos negócios, assim como nas escolas. Já existem diversas experiências em curso, inclusive no Brasil. Sua principal premissa é que, ao entender os métodos e processos que *designers* usam ao criar soluções, indivíduos e organizações seriam mais capazes de se conectar e revigorar seus processos de criação a fim de elevar o nível de inovação.

O *Design Thinking* foi popularizado pela empresa americana de design e inovação IDEO, de Palo Alto, na Califórnia (EUA). A região é denominada Vale do Silício, por abrigar boa parte das empresas de tecnologia mais inovadoras do mundo.

Nesta perspectiva, também existe na Índia a experiência desenvolvida pela indiana Kiran Bir Sethi, que colocou sua experiência na escola de *design* para desenvolver o Movimento *Design for Change*, com crianças de 7 a 14 anos, criando a oportunidade de atuar para transformar a realidade que as rodeia. As soluções são criadas usando as quatro palavras-chave do *Design*: empatia, colaboração, pensamento crítico e empoderamento. Hoje, crianças de todo o mundo criam projetos e desenvolvem ações para solucionar problemas reais que afetam suas vidas.

Gamificação

Os jogos digitais têm sido um dos artefatos tecnológicos mais utilizados na contemporaneidade, movimentando milhões de dólares em suas produções e comercializações. Muitas empresas utilizam a gamificação como recurso de treinamento e avaliação de seus funcionários, devido a sua versatilidade.

Os *games* também chegaram à escola, visto como promotor de aprendizagens ativas e deixando de ser tabu. Atualmente, existem diversas pesquisas que apontam para os benefícios que oferecem para a aprendizagem, por meio da ludicidade, motivação e desafios, além de favorecerem condições para o desenvolvimento de processos colaborativos.

Conforme afirma o professor Luciano Meira, da Universidade Federal de Pernambuco, e estudioso do assunto, “a estrutura dos games tem como base o

encantamento e engajamento dos alunos e professores, oferecendo um ambiente de aprendizagem que gera novas narrativas para a escola”.

Enfim, são muitos os caminhos para tornar a escola um espaço rico de experiências e em sintonia com as inovações do mundo contemporâneo. Porém, de nada vale um vasto aparato tecnológico sem o seu uso correto e adequado a cada situação. Utilizar as TIC's de forma não produtiva é um grande risco. O que poderá inovar verdadeiramente a educação é o uso integrado das metodologias ativas da aprendizagem, que representam o como ensinar, aliado à revisão do que ensinar, tendo por base o protagonismo de quem ensina e de quem aprende, por meio do estabelecimento de uma rede colaborativa de saberes.

ENFIM, SÃO MUITOS OS CAMINHOS
PARA TORNAR A ESCOLA UM
ESPAÇO RICO DE EXPERIÊNCIAS E
EM SINTONIA COM AS INOVAÇÕES
DO MUNDO CONTEMPORÂNEO.



O QUE AJUDA A ESCOLA A CRESCER OU A DIMINUIR?

Após apresentarmos as oportunidades que temos de transformar a escola em um espaço compatível com seu tempo, rico e significativo por meio da criatividade, da estética, da abertura da escola para o mundo imediato e ampliado pela tecnologia digital, temos que refletir que este cenário só frutificará se a base for a defesa da construção da cidadania.

A tendência predominante da vida contemporânea é a do consumismo. Queremos tudo para agora, que rapidamente substituímos por novos desejos, configurando um ciclo caracterizado pela economia do excesso e do descarte. E assim também procedemos no currículo escolar. Em tempos de vida apressada, e de excesso de informação, é um grande desafio para a escola trabalhar a cidadania, para além de ações curriculares. Porém, sem a mudança de paradigma não conseguiremos chegar às habilidades necessárias para os desafios do século XXI, como: criatividade, resolução de problemas, resiliência, flexibilidade, tomada de decisão, empatia, autoconhecimento e colaboração. Todas elas exigem um sujeito consciente do seu papel social e imerso nessa cultura.

É hora de pensarmos sobre o mundo em que vivemos, e de fazer o mesmo em relação às nossas vidas neste mundo, como indica o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2011).

Por isso é preciso pensar se queremos que a escola ajude seus alunos a crescer ou a diminuir. Crescer refere-se ao reconhecimento de que, independente da idade, todos são cidadãos do seu tempo. A criança não é o sujeito do amanhã, mas do agora, e precisa exercitar sua cidadania.

A escola, ao abrir mão deste papel, estará contribuindo para a visão da criança como menor, ou seja, a criança

deixa de ser vista como uma pessoa para ser apenas um consumidor. Aquele que consome o que lhe é determinado, dando a falsa ideia de autonomia de escolhas. Essa visão da escola representa a opção pela diminuição.

Ser cidadão

A construção da cidadania está presente como princípio ou objetivo nos diversos projetos pedagógicos escolares. Porém, queremos ir além dos discursos e avançar, substituindo a discussão a respeito do poder do indivíduo para seu lugar como membro da comunidade, para tornar possível a coabitação humana e a justiça social.

Em tempos de cenário líquido moderno, onde tudo é descartável facilmente, é preciso investir no empoderamento dos cidadãos, por meio de uma educação chamada de vitalícia que vai para além da escola, que acontece por toda vida.

Empoderamento genuíno, como define Bauman (2011), “exige não apenas a aquisição de habilidades pessoais, mas também das sociais. Requer a construção e a reconstrução dos laços inter-humanos, a vontade e a habilidade para se engajar com os outros num esforço contínuo para tornar a coabitação humana um cenário hospitaleiro e amigável para a cooperação mutuamente enriquecedora entre pessoas que lutam pela autoestima, para o desenvolvimento de seus potenciais e o uso adequado de suas habilidades.”

É desta forma que o consumidor é inimigo do cidadão. A vida pautada apenas no consumo gera a apatia política, empobrece a democracia. Assim como as habilidades técnicas precisam ser continuamente atualizadas, o mesmo é exigido da educação para a

cidadania, por meio da qual seria possível sair da paisagem da ignorância e da apatia, onde é fácil se sentir perdido e infeliz.

Para melhor entender o quanto tais valores são importantes, vamos apresentar a experiência da Cidade das Crianças, concebida há mais de vinte anos pelo italiano Francesco Tonucci em Fano (Itália), hoje tida como referência e modelo para cerca de 200 cidades que são membros da rede internacional “A Cidade das Crianças” nos seguintes países: Argentina, Chile, Colômbia, Itália, México, Peru, Espanha e Uruguai.

Cidade das Crianças

Esta história começa em 1991, quando a Itália reconheceu a Convenção sobre os Direitos das Crianças aprovada pelas Nações Unidas sediada em Nova York, em 1989, depois de um longo espaço de tempo da aprovação da Declaração Universal dos Direitos das Crianças, de 1959.

Baseando-se nos artigos 12 e 13 do referido documento, em que se reconhece o direito das crianças de expressarem com liberdade sua própria opinião, o projeto da Cidade das Crianças nasce para lembrar à cidade este direito.

Seu princípio é oferecer aos prefeitos das cidades, políticos, administradores e também educadores (pais e professores) a possibilidade de pedir ajuda e conselho para as crianças, pois uma cidade apta para as crianças é uma cidade melhor para todos.

A proposta é pensar a cidade pela perspectiva da criança, que foi tirada dela, já que os adultos adaptaram a cidade às suas necessidades, excluindo-as, como também aos idosos, aos que

demandam necessidades especiais e aos pobres. Todos estes vivem em lugares fechados, em becos, em casas ou escolas, porque as ruas se tornaram perigosas. Esta é a mesma defesa do Movimento das Cidades Educadoras.

Porém, a Cidade das Crianças tem um foco bem demarcado, que privilegia a criança como cidadão de direito, que tem ideias e propostas para melhorar a vida comunitária. Rompe com a visão de uma criança apenas como cidadão do futuro. Vigora a ideia de que as crianças são pessoas de agora.

O canal de participação é o Conselho das Crianças, com o objetivo de ser uma forma de participação física das crianças na vida da cidade, ocupando o espaço público e contribuindo para que este seja mais saudável, mais seguro e mais solidário.

O Conselho das Crianças é formado por crianças de 8 a 11 anos, nomeadas não por mérito, mas por sorteios realizados nas escolas, mantendo sempre um número igual de meninos e meninas, a permanecer no cargo por dois anos. Reúnem-se fora das escolas para debaterem temas que afetam a vida da cidade. Elas trabalham com um adulto facilitador, que assume uma postura similar a de um analista, que encoraja para que todos falem sobre suas ideias, para que se expliquem melhor. Assim, as crianças se posicionam sobre o bem estar da cidade e “dão conselhos” ao prefeito e aos administradores da cidade. É uma forma de pensar a democracia de uma maneira diferente. Existem cidades como Rosário, na Argentina, que no mesmo modelo criaram também os Conselhos de Jovens.



A luta das crianças nas diferentes cidades em que o projeto está implantado é pelo direito de desfrutarem das cidades em que habitam. As cidades que se tornaram lugares perigosos e que seus pais não permitem que desfrutem por questões de segurança. As crianças lutam pela ocupação do espaço público, questionando o excesso de estacionamento para os carros, criticando as praças pensadas por adultos destinadas às crianças como sendo um espaço isolado, seguro, e de brincadeiras pré-determinados pelos equipamentos oferecidos.

As crianças querem brincar com liberdade e com risco. Porque espaços com demasiada segurança roubam-lhes a experiência, porque sem obstáculos não existe a brincadeira. Esta foi a crítica de um dos “conselheiros” da cidade de Fano, que explicou que lugares de jogar demasiadamente seguros anulam as oportunidades de brincar de verdade.

A importância desta experiência consiste na oportunidade de dar voz às crianças, que apresentam seus pensamentos, que revelam o “outro”, o diferente, distante do pensamento dos adultos. Porém, Tonucci nos alerta que se tal participação for apenas divertida e gratificante significa que a aplicação do projeto está equivocada. As crianças, ao formularem suas ideias e soluções para a cidade, criam incômodos e problemas para o prefeito. Este é o espírito do Conselho, para que gere nas crianças não o sentimento de orgulho e satisfação, mas o de responsabilidade. Isso sim é construção da cidadania!

E o que podemos fazer com isso?

Primeiramente, saber que podemos e devemos atuar para além dos muros da escola e entender que cidadania só se aprende pelo canal da experiência. O que está acontecendo em 200 cidades pelo mundo a partir da experiência de Fano pode servir como inspiração e projeto para a cidade que habitamos.

Por outro lado, tem o âmbito da experiência de cidadania que ocorre dentro da escola. Hoje diversas escolas na Espanha, na Dinamarca e em outros países, até mesmo no Brasil, estão organizando a escola a partir de comitês compostos por alunos, eleitos democraticamente, que ficam responsáveis por diferentes setores voltados para a organização da escola. Agora atenção: não é uma participação “de mentirinha”. Estes comitês decidem e intervêm naquilo que consideram relevante. Têm poder para isso!

Existem escolas que possuem comitês de: alimentação (para avaliar a alimentação que é servida ou oferecida na escola, assim como o que os alunos trazem de casa, definindo campanhas de alimentação saudável); comitês de limpeza (cuidam para que a escola esteja sempre limpa com a participação e compromisso de todos, além de cuidarem do lixo); comitê de festas (avaliam o que é significativo ser comemorado na escola, assim como os projetos coletivos que fazem sentido para os estudantes); comitê do tempo (definem o tempo necessário que os alunos precisam para a programação curricular, tempo das aulas, tempo do recreio, tempo de descanso, tempo das provas); comitê dos espaços (discutem e propõem sobre o fluxo de circulação na escola, os espaços físicos e suas finalidades, a estética da escola); comitê de segurança (tratam da chegada e da saída dos alunos da escola).

Enfim, estes são alguns, mas cada escola pode criar, com a participação dos alunos, aqueles comitês que melhor representam a sua realidade. O importante é ter a certeza de que as crianças são cidadãos hoje e devem ser tratados como tal, e o caminho é pela experiência que a participação possibilita. Não se ensina de verdade aquilo que não somos.



APRENDER
PELO CANAL
DA EXPERIÊNCIA

O CAMINHO VERDADEIRO É AQUELE QUE CADA UM CONSTRÓI

É extensa a bibliografia que apresenta obras que defendem a mudança radical da escola por meio de novas estratégias e metodologias ativas. É urgente uma mudança radical nas formas de ensinar e de aprender. Do contrário a escola perderá seu sentido, morrendo por irrelevância. No entanto, temos a convicção de que os educadores não aprendem em contexto de formação que os desautorizam; que não vinculam seu desenvolvimento profissional com seu saber e com a sua experiência.

Sabemos da urgência de inovar na escola, mas para isso é preciso aprender com sentido e em condições que favoreçam a mudança. Para o professor não basta apenas conhecer novas estratégias e metodologias, mas é preciso estudá-las, testá-las, vivenciá-las na prática e refletir sobre elas, para poder, assim, ocupar a liderança do processo educativo e, conseqüentemente, ajudar crianças e jovens a viverem a escola como uma experiência instigante.

Para isso, reafirmamos a certeza de que não existem fórmulas válidas a todos e para todas as situações. O conhecimento educativo é apropriado em função de cada história, cultura e contexto. O que significa dizer que o que funciona para uns pode não funcionar para outros. Mas isso não pode ser impedimento para não experimentar e avançar rumo ao desconhecido.

Acreditamos que o educador avança e transforma sua prática pedagógica quando se sente tocado, implicado. Quando encontra espaço para que sua experiência se converta em fonte de saber, que lhe permita se reconhecer. Um saber que avance de posições imediatas para se transformar numa experiência de indagação sobre seu próprio percurso de aprendizagem. E que, só assim, poderá assumir sua profissão como desafio e também compromisso.

A formação necessária para que o professor se coloque no lugar de aprendiz não vem de fora, como uma tecnologia salvadora. Tem que partir do desejo de aprender dos sujeitos, por meio da indagação sobre suas experiências enquanto aprendiz, em um processo de autoria, gerador de conhecimento e em colaboração com outros sujeitos. A soma enriquece, e não anula. Ajuda a fazer sujeitos singulares e solidários. Assim se aprende verdadeiramente e se torna possível a inovação que faz sentido para a escola.

AGRADECIMENTOS

Chegamos ao fim de mais um Caderno Pedagógico e queremos apenas agradecer. Primeiramente a você, leitor, que concluiu a leitura desta obra. E também pela confiança que deposita na Faber-Castell, tanto por seus produtos, como também pelo serviço que desenvolve junto aos educadores nos *workshops* que realizamos pelo Brasil.

Agradecer também aos profissionais de educação, que trabalham nas escolas ou em outras frentes, por não desistirem de lutar pela melhoria da escola.

E agradecer, em especial, a todos os estudantes, nos diferentes níveis da educação básica, por nos desafiarem, enquanto educadores, a aprender sempre.

Até o próximo Caderno Pedagógico.

PARA SEGUIR APRENDENDO

BEAUDOT, A. La Creatividad, Madrid: Narcea, 1980.

BAUMAN, Z. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

BAUMAN, Z. A ética é possível num mundo de consumidores? Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

BROW, T. Design Thinking. Rio de Janeiro: Elsevier. 2010.

CARVALHO, J. S. Por uma pedagogia da dignidade. São Paulo: Summus. 2016.

DE MASI, D. Criatividade e Grupos Criativos, Rio de Janeiro: Sextante. 2003.

DOMÈNECH, J. Elogio de la educación lenta, Barcelona: Graó. 2009.

GARCIA, W. Inovação Educacional no Brasil – Problemas e Perspectivas, São Paulo: Autores Associados. 1995.

GARDNER, W. Mentas que criam, Rio Grande do Sul: Artes Médicas. 1996.

GRANELL, C. A cidade como projeto educativo, Rio Grande do Sul: Artmed. 2003

LAROSSA, J – Nota sobre a experiência e o saber da experiência; - Leituras -Textos-subsídios ao trabalho pedagógico das unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas. julho de 2001.

PENNAC, D. Diário de Escola, Rio de Janeiro: Rocco. 2008.

SEBARROJAS, J. C. Pedagogías del Siglo XXI – alternativas a la innovación educativa, Barcelona: Octaedro editorial. 2015 (lançamento previsto para este ano no Brasil pela Editora Penso, RS)

TONUCCI, F. La ciudad de los niños, Barcelona: Graó. 2015.

INOVAÇÕES QUE FAZEM SENTIDO PARA A ESCOLA

Publicação do Programa Escolar 2016 / 2017, da empresa FABER-CASTELL
Concepção e elaboração do conteúdo: Lourdes Atié
Projeto gráfico: Studio 11 Artes

Visite nosso portal: www.educacao.faber-castell.com.br



FABER-CASTELL
since 1761

A FABER-CASTELL ESTIMULA A CRIATIVIDADE E INOVA A EDUCAÇÃO.
CONHEÇA NOSSAS INICIATIVAS.

PEQUENOS CRIATIVOS

O APLICATIVO EXCLUSIVO PARA O REGISTRO
DA "OBRA" DE QUEM VOCÊ TANTO AMA!

Com o Pequenos Criativos, pais e responsáveis registram,
compartilham e comentam momentos de criação e alegria
das crianças de forma simples e prática.

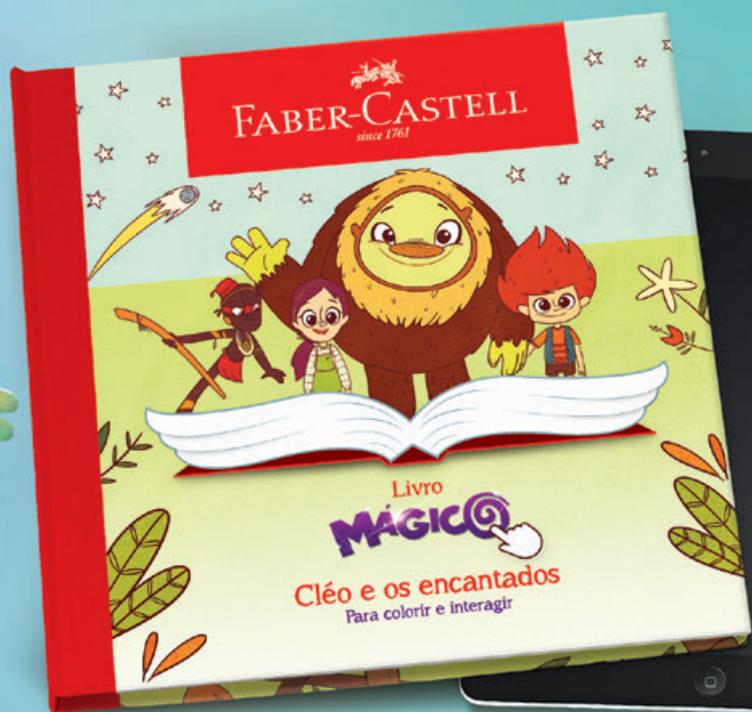


Livro
MÁGICO

Cléo e os encantados
Para colorir e interagir

Este é um livro mágico que conta uma bela história
para colorir e se abre para a interação da criança
com o mundo digital.

Um lançamento inédito da Faber-Castell.



BAIXE OS APLICATIVOS E DIVIRTA-SE!

App Store

Google play

A. W. Faber-Castell S. A.

Rua Cel. José Augusto de Oliveira Sales, 1876 • CEP 13560-820 • São Carlos-SP

Tel.: (16) 2106.1000 • Teleendas 0800 701 7099

www.faber-castell.com.br • www.educacao.faber-castell.com.br



@Faber_Castell_BR



@FaberCastell_BR



Faber-Castell Brasil